

Vitoriosos e Vencidos

Hubem Braga

AOS vencidos é difícil falar. Eles culparão Deus e o mundo, e o povo ingrato, antes de terem a cabeça bastante fria para poder estudar as causas da derrota. Não lhes quero aumentár a aflição, e prefiro me voltar para os vencedores e lhes pedir que recebam a vitória com humildade.

Não, o povo não votou no passado. Seria intolerável que alguém pretendesse governar, a esta altura, no velho estilo possedista ou trabalhista. Não tenho a presunção de ser o intérprete iluminado e sutil da vontade popular; os boletins eleitorais são como aquêles oráculos de Delfos, tão terríveis quanto confusos.

Em muitos casos será lícito pensar que a maioria do eleitorado votou contra a Revolução; mas talvez seja mais prudente imaginar que essa maioria votou contra os erros da Revolução. O movimento de abril de 1964 contou com um apoio imenso da classe alta e da classe média e mesmo de grandes setores da população trabalhadora. Apresentá-lo com um golpe militar, uma conjuração de quartéis contra os ideais e as conquistas populares, é querer simplificar as coisas até o erro e a injustiça. As Forças Armadas, e especialmente o Exército, são muito sensíveis, no Brasil, à opinião popular. Mas a vitória embriaga e desnorteia, principalmente quando é súbita; uma vez no poder, os chefes do movimento começaram a se distanciar dessa massa que lhes permitira a ascensão, e a agir segundo impulsos e esquemas que colidiam com o sentimento do povo. Revanchismo, orgia de inquéritos, arbitrariedades e violências, uma política financeira e econômica drástica e socialmente injusta, uma complacência quase mística ou maníaca em relação às pretensões dos grandes grupos econômicos nacionais e principalmente estrangeiros, uma política internacional no nível de satélite, tudo isso foi impopularizando a Revolução. Muitos dos que votaram domingo nos candidatos da oposição, o fizeram movidos pelos mesmos sentimentos e ideais que inspiraram a Revolução.

Se os homens da Revolução têm dificuldade em compreender isso, esperemos que alguns dos vencedores do momento tenham o bom-senso de refletir que a maioria não votou a favor da corrupção e da subversão. Há um anseio de reformas sociais para corrigir seculares injustiças e permitir a eclosão de novas forças econômicas, mas há, também, um anseio de paz, de ordem, de democracia, sem aventuras demagógicas nem golpes ou contragolpes.

A hora é de empossar os eleitos; depois veremos o que eles farão do poder que recebem.

DN - 5.10.65